

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO: FUNDAMENTOS E MOVIMENTOS

Jacqueline de Oliveira Moreira
Monica Eulalia da Silva Januzzi
(Organizadoras)

P963 Processos de subjetivação [recurso eletrônico] : fundamentos e movimentos / Jacqueline de Oliveira Moreira, Monica Eulália da Silva Januzzi organizadoras. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2023.

E-book (xxx p. : il)

ISBN: 978-65-88547-61-8

1. Subjetividade. 2. Sujeito (Filosofia). 3. Objeto (Filosofia). 4. Civilização moderna. 5. Teoria do conhecimento. I. Moreira, Jacqueline de Oliveira. II. Januzzi, Monica Eulália da Silva. III. Título.

CDU: 159.964.2

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e
Silva - CRB 6/2086

Capítulo 9

Micronarrativas online como conversas no cotidiano: recursos teórico-metodológicos para o estudo de processos de subjetivação

Luciana Kind
Luana Souza

Introdução

As mídias digitais tiveram grande impacto nas formas de ser, pensar e agir na contemporaneidade e vêm influenciando os processos de subjetivação (ALVES, 2017). Essas transformações acontecem desde a popularização da internet e se variam à medida que os sistemas modificam nossas formas de interação. Marcada pela ubiquidade, a internet e as mídias digitais podem ser acessadas no relógio de pulso, no carro, nos smartphones, em quase todo lugar e todo o tempo, constituindo uma nova experiência de interação e existência na realidade cotidiana. Eu, você, todos nós, como alude Paula Sibilia (2016), estamos enredados em processos interativos online, que são produtores de subjetividades conforme uma era de hiperconexão e convergência midiática.

Contudo, ao contrário de sermos espectadores passivos desse processo, que se incrementa na atualidade como convergência midiática, ativamente participamos e nos construímos como consumidores nos territórios digitais (JENKINGS, 2009) ou neles nos tornamos mercadoria (SIBILIA, 2016). Esse ângulo de análise, via componentes de subjetivação que acoplam cultura digital e capitalismo, é uma das possibilidades que têm habitado a imaginação intelectual sobre processos de subjetivação. Propomos, no entanto, um outro ângulo, situando o debate no campo de interesses da psicologia social e estudos da linguagem.

A combinação de referências do construcionismo social e da pesquisa narrativa é aqui proposta como forma de investigar processos de subjetivação nas redes sociais. Defendemos que a atualização da era conectada e as vivências das plataformas digitais abrem novas possibilidades de comunicação e transformam nossas práticas cotidianas. Pesquisar no cotidiano – proposição acentuada por Mary Jane Spink (2007) – é inspiração constante das investigações que conduzimos. Quando o cotidiano é pautado pela ubiquidade das conexões online, é inevitável que busquemos, aí, componentes de subjetivação.

Seguimos em terreno investigativo que pressupõe que pessoas e grupos, no curso da vida cotidiana, são produtoras(es) das realidades vividas. As práticas discursivas e a produção de sentidos que delas decorrem são alvo de interesse nessa discussão (IÑIGUEZ-RUEDA, 2014, p. 8). Desse terreno, enfatizamos as pistas da pesquisa de Vera Menegon, atualizada na coautoria com colegas que tomam as conversas no cotidiano “como importantes ao estudo da produção de sentidos, pois como linguagem em uso elas permeiam as mais variadas esferas de interação social” (BATISTA, BERNARDES; MENEGON, 2014, p. 101).

As conversas no cotidiano comportam, como subtexto, uma crítica ao investimento que as ciências humanas e sociais fazem em modalidades de entrevista como forma de acessar a experiência dos sujeitos. Tarefa semelhante é enfrentada por Alexandra Georgakopoulou (2007) e Molly Andrews (2014) no campo da pesquisa narrativa. A primeira questiona o estatuto das “narrativas bem-formadas”, baseadas em situações clássicas de pesquisas baseadas em entrevistas. A segunda busca inspiração na sociologia do cotidiano para defender a articulação entre imaginação e narrativa, deslocando o olhar não apenas para o vivido, mas também para o imaginável, o possível, nas configurações de experiências de si. Aproximamos essas perspectivas à reflexão de Lúcia Santaella (2018) sobre o poder dos desdobramentos narrativos no universo transmídia. A narrativa encontra nas mídias seu habitat contemporâneo, Santaella nos convida a pensar. Ela

“emula vidas”; oferece a todos a possibilidade de “completude imaginária que falta à existência vivida nas rotinas do cotidiano” (SANTAELLA, 2018, p. 78).

As conversas no cotidiano fazem parte da vida de todas as pessoas. É como nos comunicamos para pedir uma informação, é o que muitas vezes usamos para passar o tempo na fila do banco, é um momento para conversar sobre situação política ou sobre mudanças na cidade, e é uma forma de criar e circular sentidos. Mas nas conversas, imaginação e narrativa se unem, produzindo modos de apresentação de nós mesmos. E se incluímos as interações online para alargar o que entendemos como cotidiano, temos a linguagem como fio condutor para ler os processos de subjetivação que se entrecem na circulação de histórias. A partir da linguagem aprendemos a nos comportar em diferentes contextos, aprendemos a nomear objetos, sentimentos e situações e narramos nossas experiências, mostrando-nos no cotidiano.

Com ênfase no estudo da linguagem e nas narrativas, a descrição das experiências e construções dos processos de subjetivação no construcionismo passa por uma organização discursiva da linguagem e das práticas de interação, buscando situar as condições socio-históricas e suas relações com construções de sentido (SPINK, 2010). Assim, as narrativas de self não podem ser consideradas uma concepção exclusivamente individual, já que as narrativas estão amplamente situadas na cultura e demarcadas em um determinado período histórico. Aqui, defendemos que a experiência é organizada a partir da estrutura oferecida pelas construções e interações narrativas, marcando uma dimensão relacional de produção de sentido.

Rasera, Guanaes e Japur (2004), utilizando a perspectiva construcionista proposta por Gergen, defendem as narrativas de self como uma forma de descrição social, como recurso conversacional. Através das possibilidades linguísticas - embutidas em sequências conversacionais de ação e empregados nos relacionamentos - é que sustentamos ou impedimos determinadas ações e criamos sentido para nossas vivências.

Nessa concepção, percebemos e identificamos o self a partir de sua relação com as estruturas e descrições narrativas (SPINK, 2010; RASERA; GUANAES; JAPUR, 2004). Podemos considerar que as produções de sentido são práticas fundamentais da vida cotidiana e se entrelaçam às narrativas histórico-culturais em uma constante interação entre as narrativas compartilhadas com a cultura e as possibilidades de criação de sentido a partir de uma vivência subjetiva. Nos contextos de interação as narrativas têm possibilidades e limites, determinados a partir da comunidade de inserção, dos relacionamentos existentes no contexto e das possibilidades linguísticas possíveis (RASERA; GUANAES; JAPUR, 2004). Assim, a validação e a construção da narrativa dependem da validação e do acordo com outro(s), em interação.

Jean Clandinin e Michael Connelly (2015) argumentam que a narrativa é a melhor forma de se adquirir entendimento sobre experiência, uma vez que experiências são histórias das pessoas. A vida é preenchida por vários fragmentos narrativos, estabelecidos em momentos históricos de tempo e espaço. Ao contar e recontar histórias as pessoas se reafirmam, modificam-se e criam narrativas. De acordo com Clandinin e Connelly (2015, p. 49):

[...] as vidas são submetidas dia a dia às experiências [...] porque a 'experiência acontece narrativamente', ou seja, a narrativa fornece uma estrutura que permite à pessoa conferir sentido às experiências pessoais e coletivas, além da própria noção de si e construção da própria subjetividade.

As narrativas são, portanto, psicossociais por excelência e revelam a conexão intrínseca entre as pessoas e a sociedade. Há uma coconstrução, em que as narrativas são desenhadas a partir da vivência em sociedade e por relações entre pares, mas também constroem e reafirmam crenças e valores sociais, ou seja, são definitivamente humanas e fazem parte de uma construção social e identitária. De acordo com Tamboukou (2016, p. 72): “[...] nós não conseguimos separar os eventos das experiências nem o que é dito e como é dito, assim como os contextos nos quais narrativas são construídas e de fato realizadas”.

Essa forma de descrição do self como interação e como uma construção narrativa contada por nós e pelos outros sobre nós, a partir de uma organização linguística e por determinados vocabulários e por discursos sociais disponíveis, reafirma perspectivas construcionistas sociais. Partindo dessa concepção e, apoiando-se na teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin, Spink (2010) apresenta a noção de práticas discursivas, associando-as às maneiras com que, a partir do uso da linguagem, as pessoas se posicionam e criam sentidos em relações sociais cotidianas. A autora também faz uma contraposição ao conceito de discurso proposto por Bakhtin, argumentando que (o discurso) estaria mais amplamente vinculado ao uso institucionalizado da linguagem, tendendo a permanecer nas passagens temporais e sendo preexistente à vivência das pessoas.

Considerando o sentido como construção social em constante prática de interação, a partir de um contexto historicamente datado, as pessoas também criam conceitos e termos para significar as próprias vivências e para ajudar na compreensão de situações e fenômenos (SPINK; MEDRADO, 2013), sendo a linguagem uma ação constante no mundo. Nomear se torna uma forma de construção de realidades. Assim, as construções das práticas discursivas, articuladas com a linguagem em uso, apesar de estarem sempre conectadas às narrativas compartilhadas cultural e historicamente, dependem das construções e práticas de interação cotidianas.

A linguagem em uso é tomada como uma prática social que depende de um contexto, dos aspectos performáticos da linguagem – quando, em que condições, com que intenção, de que modo –, das condições de produção de determinado discurso, do contexto social e interacional, e das construções históricas (SPINK, 2010). O contexto molda o uso que fazemos da linguagem e o posicionamento daquele que narra, molda a forma de resposta do interlocutor e pode adicionar ou ocultar determinado conteúdo. A partir de repertórios interpretativos, utilizados para construir versões de ações, eventos, fenômenos e posicionamentos identitários, as

práticas discursivas correspondem aos momentos ativos do uso da linguagem, em que estão presentes diversas formas de discurso, e podem existir novas formas de produções de sentido.

Considerando a linguagem como uma forma de construção das realidades, é importante ressaltar o caráter dinâmico das práticas discursivas, uma vez que elas ocorrem na interação – entre duas ou mais pessoas – e no diálogo. Os sentidos, portanto, estão sempre em constante movimento e são suscetíveis a mudanças. A linguagem em uso é coconstruída nas interações e possui uma dimensão contextual (SPINK, 2010; SPINK; MEDRADO, 2013). As conversas no cotidiano e a produção de sentidos (partindo das interações) são, portanto, importantes para considerarmos como nos posicionamos com as construções discursivas. A partir desta perspectiva, defendemos o self como sendo construído interacionalmente a partir das práticas discursivas em conversas cotidianas.

De acordo com Spink (2010, p. 36-37): “[...] o posicionamento é o processo discursivo no qual os selves são situados nas conversações como participantes observáveis e subjetivamente coerentes em termos das linhas de história conjuntamente produzidas”. É por meio dele que se expressam as singularidades dos sujeitos e, quando falamos sobre práticas discursivas, consideramos necessariamente os posicionamentos envolvidos como produções conjuntas. Spink (2010) caracteriza dois tipos de posicionamento. O primeiro é interativo: o que uma pessoa diz posiciona o outro; nesse caso, a resposta ao enunciado é carregada com outro posicionamento que pode gerar (ou não) um debate. O segundo posicionamento é reflexivo: quando acontece um posicionamento autoreflexivo. No fluxo da interação pode ser que nos posicionemos de uma forma tal que exija uma reorganização de nossa posição inicial. O posicionamento é, portanto, sempre intencional e nos convida a pensar o self como uma produção contínua.

A partir das ideias apresentadas, situamos as discussões considerando a importância da comunicação no cotidiano para a

construção e circulação de sentidos na construção de realidades possíveis e nos processos de subjetivação. Batista, Bernardes e Menegon (2014) apresentam uma pesquisa realizada com conversas no cotidiano e defendem que, por serem corriqueiras, dificilmente (como observadores) pensamos na riqueza de detalhes e peculiaridades que elas carregam em sua dinamicidade. Costumamos cristalizar uma conversa em um script materializado em forma de entrevistas, questionários, testes, grupos focais etc., em um material mais facilmente categorizável e construído com uma narrativa linear e cronologicamente organizada.

Para os autores supracitados (2014), dadas as circunstâncias informais e pouco controladas de uma pesquisa em âmbito cotidiano, é talvez impossível ajustá-la aos paradigmas mais comuns da ciência, diminuindo os interesses sobre pesquisas desse tipo.

Em consonância com a argumentação apresentada por Batista, Bernardes e Menegon (2014), Georgakopoulou (2006; 2008; 2017; 2021) apresenta a proposta teórico-metodológica das micronarrativas (small stories). A proposta foi inicialmente defendida por Georgakopoulou e Bamberg (2005) como um contramovimento aos modelos dominantes de estudos narrativos. Para esses autores, os estudos tradicionais de narrativas privilegiam uma forma única de narração, em especial as longas, que favorecem histórias e eventos passados, marcados com uma cronologia específica e tipicamente eliciados em contextos controlados de pesquisa – como os propostos por entrevistas. A argumentação dos autores é a de que o modelo dominante de estudos narrativos não é suficiente para a compreensão do self.

Georgakopoulou e Bamberg (2005), com essa crítica, apontam para a necessidade de englobar outras formas de narrativa às tradicionais, como as construções vindas de interações na vida cotidiana. Ou seja, pesquisas que utilizam micronarrativas estão interessadas em ações sociais realizadas na vida das pessoas: como as pessoas utilizam histórias no seu dia e situações cotidianas com o intuito de criar e perpetuar um senso de quem se é

(GEORGAKOPOULOU, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Segundo tal proposição, em consonância com as argumentações apresentadas por Spink (2010), Spink e Medrado (2013), Batista, Bernardes e Menegon (2014), nas práticas cotidianas é que construímos sentidos para as vivências, ou seja, os eventos contínuos acabam se tornando uma fonte para a construção da noção que temos de nós mesmos. Sendo assim, toma-se a construção do self como fluida e dependente de interações sociais.

Avançando a proposta das micronarrativas em uma perspectiva teórico-metodológica, Georgakopoulou (2017) propõe a pesquisa de micronarrativas como pertencente ao conceito guarda-chuva da pesquisa narrativa, expandindo o entendimento de narrativa – não mais, exclusivamente, aquelas bem formadas em termos de cronologia – e se referindo a eventos passados que comportam uma dimensão de início, meio e fim. O interesse das pesquisas em micronarrativas, está nas infinitas construções relacionais e produções de sentido possíveis nas narrativas em interação.

Posto isso, seguindo essa intuição analítica para estudar as manifestações de si presentes em narrativas no cotidiano, Alexandra Georgakopoulou (2017, 2016, 2023) expande a agenda de pesquisa com micronarrativas para a compreensão de identidades fabricadas nas interações online. A autora defende uma correlação entre narrativas em interação e as mídias sociais, que estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas.

As narrativas encontradas tipicamente em diferentes mídias sociais não se encaixavam no modelo tradicional de estudos narrativos, sendo, portanto, consideradas como atípicas. Os recursos utilizados pela plataforma constroem histórias fragmentadas e sempre abertas, ultrapassando os limites de um único post e site, e resistindo a uma classificação de início, meio, fim. Dentre esses recursos, também envolvem a criação múltipla de uma publicação, uma vez que ela pode ser compartilhada entre várias plataformas e há uma tendência de relatos comuns da vida cotidiana do autor. Além disso, há uma noção de coautoria com os comentários abertos, uma vez que qualquer um que se sinta

convocado a responder a determinado post exerce também autoria pela história construída.

Ambientes de mídia social oferecem oportunidades para compartilhar a vida de forma miniaturizada, ao mesmo tempo em que restringem a capacidade dos usuários de mergulhar em modo autobiográfico completo (GEORGAKOPOULOU, 2017). Em particular, tais ambientes oferecem a capacidade de compartilhar as experiências como estão acontecendo e no momento em que estão acontecendo, atualizando quantas vezes forem necessárias e (re)incorporando as experiências em várias plataformas sociais. As mídias sociais são primordialmente formadas por narrativas-em-interação e os recursos das plataformas estruturam e convocam a esse tipo de construção.

Entrelaces teórico-metodológicos

A articulação conceitual que propomos ao vincular práticas discursivas, conversas no cotidiano e micronarrativas para estudar processos de subjetivação em interações online dialoga com o imperativo relacional (GERGEN, 2021).

Kenneth Gergen (2021) argumenta que: “[...] é do processo relacional que aquilo que chamamos de pessoa toma forma”. A nomeação dessa forma que emerge de situações relacionais se vincula à tradição epistemológica da qual participamos, defende esse autor. No movimento construcionista social, a recusa a qualquer forma de essencialismo para delimitação do self é premissa básica. Em busca de uma delimitação mais precisa sobre uma nomeação que se insira nos estudos da linguagem, Spink (2011) evoca, na tradição da psicologia social, como abordar a questão do self. Uma alternativa é buscada nas considerações de Ron Harré (1998) sobre aquilo que percebemos como “eu”, [...] o self, como a singularidade que cada um sentimos como nós mesmos não é uma entidade. Ao contrário, é uma posição a partir

da qual uma pessoa percebe o mundo e um lugar a partir do qual age (HARRÉ, 1998, p. 3).

Diante disso, Spink (2011) propõe uma agenda de pesquisa construcionista em observação à noção de pessoalidade:

Com base no pressuposto relacional e nas reflexões de Harré, a noção de self concerne às maneiras de ser que se tornam organizadas na interação, de modo que é preciso trazer para discussão a capacidade de produzir relatos e comentários sobre o que percebemos, como agimos e o que lembramos; ou seja, Harré propõe uma versão de pessoa pautada na narratividade, isto é, relatos perceptuais e comentários sobre percepções, declarações de intenção e comentários a esse respeito, narrativas ordenadas sobre o passado e antecipações sobre o futuro (SPINK, 2011, p. 18).

Igualmente situada no campo dialógico, Molly Andrews (2014) evoca a aproximação entre vida cotidiana e imaginação como modo de pensar narrativas. A capacidade criativa que se expressa em contextos relacionais, mesmo em situações formais de entrevistas de pesquisa, estabelece fronteiras entre o que identificamos como nós mesmos e os outros. Essa equação não está posta de antemão, mas é sempre movimento, ação narrativa (na imaginação) que opera via memória, ficção e projeção de futuro, configurando as possibilidades da construção de self.

Essa dimensão relacional está posta em outros autores no âmbito da pesquisa narrativa. Seja como imaginação na vida cotidiana (ANDREWS, 2014), como entremeio de histórias (CLANDININ; CONNELLY, 2015) ou como cocomposição (GUBRIUM; HOLSTEIN), os sentidos produzidos no ato de narração estão estreitamente conectados ao estudo de processos de subjetivação. Mas é com a aproximação feita por Santaella (2018) entre narração e mídias ou na proposição das narrativas em interação ou micronarrativas nas redes sociais, em Georgakopolou (2017, 2023), que vislumbramos caminhos férteis para a compreensão de práticas discursivas e não discursivas nos processos de subjetivação.

Recorremos ao desenho metodológico em três pesquisas para ilustrar o movimento analítico dos processos de subjetivação que se amparam nas discussões aqui propostas.

Pesquisa 1: Sentidos da sororidade em interações com um perfil do Instagram.

Em sua pesquisa, Luana Souza (2020) teve por objetivo analisar os sentidos da sororidade através de práticas discursivas de mulheres em ambientes digitais. Como desenho metodológico, a pesquisadora coletou, durante seis meses, a captura de tela de postagens no feed de um perfil público do Instagram. O perfil, seguindo a tendência das narrativas transmídia, replica conteúdos postados principalmente no Twitter e que contenham temática feminista ou ligação com as pautas do movimento. A seleção do material coletado considerou postagens e interações (em curtidas e comentários) relacionadas ao tema da sororidade.

Uma postagem analisada por Souza (2018) é completamente ligada à definição do termo sororidade no movimento feminista brasileiro, com foco na solidariedade entre mulheres. Há uma imagem das personagens Eleven e Max, da série *Stranger Things*, estilizada com layout do perfil, contendo a seguinte legenda: “a amizade feminina moderna é formada por duas garotas que descobriram que não [es]tão numa competição”. O enunciado remete à ideia de que as mulheres são socializadas como sendo inimigas (HOOKS, 1986), mas é possível que aprendam que, na verdade, não estão em uma disputa. As variadas formas de interação são alvo de detalhamento e merecem ser conferidas. Aqui, destacamos o comentário de uma das seguidoras do perfil:

@seguidora1) Isso aí! Não sei se pela criação ou por já ser assim (minha mãe disse que já nasci feminista, até nas brincadeiras de infância), mas nunca rivalizei [com] outra mulher, nunca vi nenhuma como “fofoqueira”, “inimiga” ou coisas do feitio, tanto que todas as pessoas que considero

como melhores amigas são mulheres, e são com quem me sinto confortável. Torço e acredito que um dia seremos todas assim, amigas.

Nesse fragmento, a interação se dá via narrativa, em coconstrução com a postagem. A micronarrativa anuncia posições de si (nasceu feminista), de outros próximos (mãe, amigas) e de imaginação de um futuro em que todas as mulheres sejam como ela, a narradora, que se desenha na história como alguém que não rivaliza com seus pares. A interação reitera o sentido de um futuro idílico de plena sororidade.

Pesquisa 2: Redes de apoio e narrativas biográficas com câncer de mama.

Marina da Silva Assis (2021) teve por objetivo compreender processos intersubjetivos entre mulheres que estão com câncer de mama e que desenvolvem narrativas online, como contextos possíveis para a reconstrução narrativa da experiência do adoecimento. A hipótese de fundo da pesquisa tinha o câncer como experiência disruptiva da vivência biográfica, direção apoiada em estudos narrativos no âmbito da saúde (BURY, 2011; FRANK, 1995). Com esse pressuposto em perspectiva, foram selecionados perfis de três mulheres que, desde a “Bio” no Instagram, apresentam sua experiência com o câncer de mama, como pode ser visto no Quadro 1. Assis (2021) acompanhou os perfis, usando a funcionalidade salvar, do próprio Instagram, para pré-seleção de postagens que relatavam experiências das usuárias. No registro e análise, os nomes das autoras dos perfis foram substituídos por outros fictícios. As interações com as postagens foram nomeadas como @usuária.

Quadro 1 – Perfis selecionados da pesquisa do Instagram.

Perfil	Nº de seguidores	Seguindo	Nº de postagens	Bio

@joana	10 mil	6145	1118	Categoria: Site de saúde e boa forma; venci o câncer 2 vezes (mama e ovário); troca de experiências sobre o câncer; palestrante; voluntária em um perfil sobre câncer.
@anita	12,6 mil	1330	839	Categoria: Palestrante motivacional; câncer aos 27; dando um novo significado à vida; palestras, campanhas, ações corporativas.
@quitéria	19,9 mil	997	713	Categoria: Blogueira; descomplicando o câncer; visão do paciente; pequenas felicidades; palestras e campanhas.

Fonte: Dados da pesquisa a partir de postagens no Instagram, em 20/12/2020 (ASSIS, 2021).

Esses perfis foram buscados por meio de hashtags associadas ao câncer de mama, como #câncerdemama e #outubrorosa. Os perfis selecionados têm alcance significativo e interações que suscitam partilha e produção de sentidos sobre a doença e seus efeitos na vida cotidiana das autoras e das usuárias que as seguem. Como na pesquisa de Souza (2020), vale a pena conhecer a íntegra das análises feitas por Assis (2021). Aqui, destacamos uma interação que destaca micronarrativas impregnadas de efeitos de subjetivação. As Figuras 1 e 2 mostram um conjunto significativo de interações que colocam em relevo como as mulheres que partilham experiência com o câncer de mama se movimentam na imaginação narrativa da vida cotidiana.

Figura 1: Post sobre apoio familiar.

 Uma imagem contendo texto de um post de Instagram

Fonte: Adaptado de Assis (2021).

Figura 2: Comentários de usuárias.

 Uma imagem contendo texto de um post de Instagram

Fonte: Adaptado de Assis (2021).

O compartilhamento do diagnóstico com o parceiro, narrado por @quitéria na legenda de uma de suas postagens, dispara um processo de micronarrativas. Variadas interações de seguidoras mostram a cocomposição de histórias com o tema apoio conjugal diante do diagnóstico com câncer. O convite à interação na última frase de @quitéria dispara histórias sobre parceria e compartilhamento do “fardo” do tratamento oncológico. O parceiro se destaca como dimensão de alteridade de maior relevo da “rede de amor” das mulheres.

Pesquisa 3: “Ouçam Mirtes, mãe de Miguel”.

De modo diverso dos fragmentos narrativos apresentados anteriormente, focados em perfis individuais e interações de seguidoras, nessa pesquisa de iniciação científica o estudo de caso foi pensado para se compreender processos de subalternização do trabalho doméstico, atravessado por desigualdades que intersectam raça, gênero e classe (KIND; FURST; GALVÉZ; RAMOS, 2023). O estudo trata das repercussões do “caso Miguel”, filho de Mirtes Renata: garoto de 5 anos que em plena pandemia do novo coronavírus morreu ao cair do prédio em que a mãe trabalhava. O caso teve grande repercussão e as cenas da patroa de Mirtes, Sari Corte Real, colocando a criança no elevador, apertando botões e deixando-o sozinho, foram amplamente difundidas. Mirtes iniciou

grande movimentação nas redes sociais e a hashtag #justiçapormiguel viralizou e ainda rende volumosas interações online.

Seguindo a proposição de Potnis e Tahamtan (2021), assumimos a hashtag #justiçapormiguel no Instagram como porta de entrada (gatekeeper) para a coleta de informações sobre o “caso Miguel”, que, em março de 2021, concentrava mais de 36.000 seguidores. A hashtag permitiu às autoras seguir o fluxo de informações em outras redes sociais, notícias, entrevistas e vídeos. O número de interações com as postagens serviu de indicador para acessar o material ali vinculado. A função de porta de entrada de #justiçapormiguel dá acesso a um conjunto de reações, manifestações de apoio a Mirtes, denúncias sobre o racismo estrutural e a dimensão coletiva gerada nos pedidos para que usuários de diversas plataformas sociodigitais escutassem a mãe de Miguel. As postagens e suas conexões online foram ordenadas na reconstrução de acontecimentos-chave do “caso Miguel”, conforme uma linha do tempo que será exposta adiante (Quadro 2).

Quadro 2: linha do tempo do caso de Miguel.

DATA	ACONTECIMENTO
2 de junho de 2020	Morte de Miguel Otávio, 5 anos. Sari paga vinte mil reais de fiança para responder em liberdade.
29 de junho de 2020	A delegacia abre duas horas mais cedo para o depoimento de Sari.
5 de julho de 2020	Sari dá entrevista no Fantástico. Mirtes pede um twitaço para internautas com a hashtag #justiçapormiguel.
1º de julho de 2020	Sari é indiciada por abandono de incapaz que resultou em morte.
13 de julho de	Manifestação para pressionar MP-PE para que siga a conclusão do inquérito policial e denuncie Sari à Justiça por “abandono de

2020	incapaz com resultado morte”, com pena prevista de 4-12 anos de prisão.
13 de agosto de 2020	Abertura de processo por danos morais.
14 de agosto de 2020	Articulações para criação do Instituto Miguel pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), instituto integrado do cuidado, da família, da infância e do envelhecimento.
2 de setembro de 2020	Lançamento da campanha “Ouçam Mirtes, a mãe de Miguel”, organizada pela unificação de grupos de apoio a Mirtes, visando amplificar sua voz e cobrar que o caso seja concluído com isenção e rapidez.
5 de setembro de 2020	Adriana Calcanhotto lança a música “Dois de Junho” sobre o caso Miguel.
27 de setembro de 2020	Mirtes pede aos internautas para pressionarem TJPE para marcação da audiência de instrução do caso, marcada para dezembro.
26 de novembro de 2020	Mirtes se matricula no curso de Direito.
3 de dezembro de 2020	Audiência de Instrução. Sari senta no banco de réus, acusada de abandono de incapaz que resultou em morte.
14 de março de 2021	A Justiça do Trabalho em Pernambuco condenou Sari ao pagamento de R\$ 386.730,40 por danos morais coletivos.
5 de maio de 2021	Advogados de Mirtes pedem anulação do depoimento de testemunha realizado sem a presença de representantes da mãe de Miguel.

Fonte: Kind; Furst; Galvéz; Ramos (2023).

O material selecionado para o estudo do “Caso Miguel” permitiu

a reconstrução temporal entre junho de 2020 e maio de 2021. Desde a morte de Miguel, acompanha-se a teia de eventos vinculados ao caso – a visibilidade alcançada por essa perda trágica e o apoio recebido por Mirtes para enfrentar os responsáveis, além dos privilégios de classe e raça que funcionam a favor da ré. As micronarrativas, nessa pesquisa, foram remontadas para uma tecedura mais ampla, que faz reverberar múltiplas vozes diante do sentimento de injustiça que incidiu sobre Miguel e Mirtes, mas que compõem as duras desigualdades cotidianamente vividas por tantas outras mulheres subalternizadas no Brasil.

Considerações finais

Seguimos uma intuição teórico-metodológica de que o construcionismo social, o investimento na análise de práticas discursivas e produção de sentidos, as conversas no cotidiano e as micronarrativas são fios para a condução de estudos interessados em olhar para as interações sociais que se passam em diferentes territórios e movimentações online. Nos três fragmentos de pesquisa apresentados no capítulo, pretendemos dar acento tanto aos contornos metodológicos quanto às pistas de resultados possíveis nessa combinação aqui proposta. Nelas, os processos de subjetivação em foco são distintos.

Na primeira, a produção de sentidos sobre sororidade faz emergir mulheres feministas, imaginação narrativa de um futuro de maior solidariedade entre mulheres. Na segunda, o tom biográfico impera na coconstrução de narrativas sobre parceria afetiva no enfrentamento do câncer. Na terceira, a recomposição de micronarrativas dispersas, conectadas por uma hashtag, dá acento à voz de Mirtes, mulher concreta, que faz emergir um sujeito coletivo mais amplo ao corporificar lutas cotidianas de tantas mulheres brasileiras. Nos três fragmentos queríamos assinalar a dimensão relacional, a alteridade entretecida online, que é produtora de sentidos e de composição sobre um “si mesmo” e “os outros”, ainda

que posicionados em interações diversificadas. O pressuposto de processualidade, posicionalidade e pessoalidade pode ser identificado como componente do que aqui entendemos por processos de subjetivação.

Como pesquisadoras interessadas em narrativas no cotidiano, devemos nos engajar com as perguntas que dizem respeito ao que a análise narrativa pode oferecer e como ela pode responder aos novos desafios que a crescente utilização de redes sociais nos coloca. Tendo desenvolvido ferramentas para examinar histórias fragmentadas e atípicas, as micronarrativas fornecem uma base metodológica sólida para explorar histórias nas redes sociais, em particular para interrogar o que é distinto nelas, mas também como elas desenham ou se afastam de outras formas e práticas de contar histórias.

Georgakopoulou (2017) mostra a necessidade de um repensar radical de como definimos a narrativa nas redes sociais, como podemos analisá-la e de que maneira a pesquisa de pequenas histórias pode permitir esse reposicionamento da análise narrativa convencional.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco Antônio. A cibercultura e as transformações em nossa maneira de ser, pensar e agir. In: LIMA, Nádia; STENGEL, Márcia; DIAS, Vanina; NOBRE, Márcio (Org.). *Juventude e cultura digital: diálogos interdisciplinares*. Belo Horizonte: Artesã Editora, 2017. p. 169-180.

ANDREWS, Molly. *Narrative imagination and everyday life*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

ASSIS, Marina S. *Narrativas digitais e câncer de mama: interações entre mulheres no Instagram*. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021.

BAMBERG, Michael; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis*. Text and Talk, v. 28, n. 3, p. 377-396, 2008.

BATISTA, Cristina Santos; BERNARDES, Jefferson; MENEGON, Vera Sônia. Conversa no cotidiano: um dedo de prosa na pesquisa. In: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 97-122. (Edição Virtual).

BURY, Michael. Doença crônica como ruptura biográfica. *Tempus*, v. 5, n. 2, p. 41-55, 2011.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Uberlândia: Edufu, 2011.

FRANK, Arthur. *The wounded storyteller*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. (Kindle Edition).

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Thinking big with small stories in narrative and identity analysis. *Narrative Inquiry*, v. 16, n. 1, p. 122-130, 2006.

_____. *Small stories, interaction, and identities*. Filadélfia, USA: John Benjamins, 2007.

_____. From writing the self to posting self(ies): a small stories approach to selfies. *Open Linguistics*, n. 2, p. 300-317, 2016.

_____. Small stories research: a narrative paradigm of the analysis of social media. In: SLOAN, Luke; QUAN-HAASE, Anabel (Orgs.). *The SAGE handbook of social media research methods*. Reino Unido: Sage Publications, 2017. p. 266-281.

_____. Cooptando small stories em mídias sociais: uma análise narrativa da diretiva da autenticidade. In: STENGEL, Márcia; KIND, Luciana; JÚNIOR, Hélio Cardoso de Miranda (Orgs.). *Tecnologias e processos de subjetivação*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. E-book.

GERGEN, Kenneth. *The relational imperative*: resources for a world on the edge. Chagrin Falls, Ohio: Taos Institute Publications, 2021.

GUBRIUM, Jaber F.; HOLSTEIN, James A. *Analysing narrative reality*. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

HARRÉ, Ron. *The singular self*: an introduction to the psychology of personhood Londres: Sage Publications, 1998.

IÑIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. Núcleo como crisálida y metamorfosis. Una invitación a compartir el vértigo de la transformación. In: SPINK, Mary Jane; BRIGAGÃO, Jacqueline; NASCIMENTO, Vanda; CORDEIRO, Mariana Prioli (Orgs.). *A produção de informação na*

pesquisa social: compartilhando ferramentas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 97-122. (Edição Virtual).

JENKINGS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

KIND, Luciana; FURST, Brunna R.; GALVÉZ, Camilla G. S. G.; RAMOS, Natália A. Ouçam Mirtes, mãe de Miguel: precarização e resistência no emprego doméstico durante a pandemia. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 26, 2013. e-191677 – DOI: 10.11606/issn.1981-0490.cpst.2023.191677.

POTNIS, Devendra; TAHAMTAN, Iman. Hashtags for gatekeeping of information on social media. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 72, n. 10, p. 1234-1246, 2021. Disponível em: <https://doi-org.ez93.periodicos.capes.gov.br/10.1002/asi.24467>. Acesso em: 1 jul. 2023.

RASERA, Emerson F.; GUANAES, C.; JAPUR, Marisa. Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. *Psicologia reflexão e crítica*, v. 17, n. 2, p. 157-165, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. A potência expansionista da narrativa. In: MASSAROLO, João; SANTAELLA, Lúcia; MESTERIUK, Sergio (Org.). *Desafios da transmídia: processos e poéticas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018. p. 66-83.

SIBILIA, Paula. *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Luana. *Sentidos da sororidade em práticas discursivas de mulheres no Instagram*. 2020. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 2020.

SPINK, Mary Jane. A produção de sentidos na perspectiva da linguagem em ação. In: SPINK, Mary Jane. *Linguagem e produção*

de sentido no cotidiano [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2023.

_____. Pessoa, indivíduo e sujeito: Reflexões sobre efeitos discursivos de opções conceituais. In: SPINK, Mary Jane; FIGUEIREDO, Pedro; BASILINO, Jullyane. (Org.). *Psicologia social e personalidade*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2011.

_____; MEDRADO, Benedito. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane et al. (Org.). *Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. Edição Virtual.

TAMBOKOU, Maria. As aventuras da pesquisa narrativa. In: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana (Orgs.). *Narrativas, gênero e política*. Curitiba: Editora CRV, 2016. p. 67-84.